

# NIETZSCHE E A REFORMA METODOLÓGICA DA FILOLOGIA: O PROBLEMA DA CIENTIFICIDADE NO CONTEXTO DOS ESTUDOS CLÁSSICOS

NIETZSCHE AND THE METHODOLOGICAL REFORM OF PHILOLOGY:  
THE PROBLEM OF SCIENTIFICITY IN THE CONTEXT OF CLASSICAL STUDIES

EDUARDO NASSER\*

**Resumo:** Nietzsche não foi um filólogo convencional comprometido com as diretrizes dominantes da filologia de seu tempo. Isso se deve à sua solicitação heterodoxa de uma “filologia filosófica”. Essa nova filologia prevê não só que os estudos de antiguidade clássica devem ser entendidos como um veículo para se colocar “grandes questões”, mas também que tais estudos prosperam num momento posterior ao reconhecimento do filólogo enquanto “sujeito do conhecimento”.

**Palavras-chave:** filologia, filosofia, método, teoria do conhecimento.

**Abstract:** Nietzsche was not a conventional philologist, committed to the dominant philological guidelines of his time. The reason is his unorthodox demand for a “philosophical philology”. This new philology envisions not only that the studies of classical antiquity should be understood as a means to ask “great questions”, but also that these studies may later advance to a recognition of the philologist as a “subject of knowledge”.

**Keywords:** Philology, Philosophy, Method, Theory of Knowledge.

---

\* Eduardo Nasser é Pesquisador Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), membro do Grupo de Estudos Nietzsche (GEN) e do *Groupe International de Recherches sur Nietzsche* (GIRN). E-mail: enasser@usp.br

Siglas para a edição crítica dos escritos de Nietzsche: *Kritische Studienausgabe* (KSA); *Werke. Kritische Gesamtausgabe* (KGW); *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe* (KSB); *Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe* (KGB).

Veiculou-se, por um longo tempo, o consenso de que o jovem Nietzsche foi um filólogo excêntrico desprovido de rigor científico. Esse consenso foi produzido e difundido de forma impiedosa pelos círculos de filólogos universitários após a distribuição do conhecido panfleto *Zukunftsphilologie* de Wilamowitz-Moellendorff. Inflamado pela publicação de *O nascimento da tragédia* e a sua “violação de fatos históricos e de todo o método filológico”, Wilamowitz condena Nietzsche em nome da “ciência ameaçada”<sup>1</sup>. Essa imagem da fragilidade científica associada a Nietzsche viria a ser recolocada por Usener – chamando o autor de *O nascimento da tragédia* de cientificamente morto<sup>2</sup> –, Diels – que, apesar de reconhecer o caráter vigoroso dos trabalhos de juventude de Nietzsche, considera-os reflexos de uma alma artística, sendo “não metódicos” e em nada afeitos à “ciência rigorosa”<sup>3</sup> – e Reinhardt, pupilo de Wilamowitz, e autor da lapidar sentença “a história da filologia não possui lugar para Nietzsche”<sup>4</sup>.

A principal causa para se instalar essa desconfiança a respeito das credenciais científicas da filologia de Nietzsche provém do seu mau uso do método histórico-crítico em sua primeira obra. Segundo Wilamowitz, Nietzsche denigre o método histórico-crítico por buscar no passado a confirmação dos seus dogmas metafísicos de proveniência schopenhaueriana<sup>5</sup>; ele não seria realmente um “pesquisador científico” na medida em que conquista a sua sabedoria pela “via da intuição”, que é “exposta ora no estilo de um pregador religioso, ora em um *raisonnement* que só tem parentesco com o dos jornalistas ‘escravos da folha do dia’”<sup>6</sup>. Nietzsche poderia objetar que não tinha o

<sup>1</sup> WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. *Erinnerungen. 1848 – 1914*. Leipzig: Koehler, 1928, p. 129.

<sup>2</sup> “O bravo, e por mim tão estimado, Usener, em Bonn, perante seus estudantes que o interrogavam, revelou: ‘é um puro disparate que não serve para nada, quem escreveu isso estaria cientificamente morto’. É como se eu tivesse cometido um delito” (Carta para Erwin Rohde, 25 de outubro de 1872, KSB 4.70 e 71).

<sup>3</sup> DIELS, H., Festrede. In: *Sitzungsberichte der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*. III / IV. 1902, p. 32.

<sup>4</sup> REINHARDT, K., Das klassische Philologie und das Klassische. In: *Vermächtnis der Antike*. Gesammelte Essays zur Philosophie und Geschichtsschreibung. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989. p. 345.

<sup>5</sup> WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. Filologia do futuro I. In: MACHADO, R. (Org.) *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Trad. Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 58.

<sup>6</sup> *Idem, Ibidem*, p. 56.

intuito, em *O nascimento da tragédia*, de empreender um trabalho crítico e historiográfico; o seu desejo, com essa obra, poderia ser o de somente oferecer um consolo metafísico com uma “obra de arte apolíneo-dionisiaca”. Mas, se assim for, então seria preciso, sentencia Wilamowitz, exigir que Nietzsche “desça da cátedra na qual deveria ensinar ciência”<sup>7</sup>.

Ressalte-se que o prestígio de Nietzsche entre os filólogos não foi completamente arruinado devido a esse duro ataque. Nomes como Kranz, Jaeger – coincidentemente também formados por Wilamowitz – além do próprio Reinhardt, demonstram interesse e reverência pela produção nietzschiana, fazendo, inclusive, visitas aos *Nietzsche-Archiv*<sup>8</sup>. É também importante lembrar que, apesar do escândalo causado por *O nascimento da tragédia*, nomes importantes acolheram a obra com algum entusiasmo, tais como Otto Ribbeck, Ernst von Leutsch, Jacob Burckhardt e Jacob Bernays<sup>9</sup>. Mesmo Friedrich Ritschl, o mentor de Nietzsche quando filólogo, não encontrava na produção de seu discípulo sinais de uma total deformação do método histórico-crítico<sup>10</sup>. Para a posteridade, foram especialmente influentes as teses trazidas por Nietzsche sobre a origem da tragédia – para Gilbert Murray, por exemplo – e aquelas sobre a religião grega – Lloyd-James considera-as como um ponto de inflexão nos estudos dessa área<sup>11</sup>. Além disso, célebres filólogos intercedem em defesa de Nietzsche de forma mais direta contra Wilamowitz, demonstrando que *O nascimento da tragédia* é fruto de uma

<sup>7</sup> *Idem, Ibidem*, p. 78.

<sup>8</sup> Cf. CANCIK, H., / CANCIK-LINDEMAIER, H. *Philolog und Kultfigur*. Friedrich Nietzsche und seine Antike in Deutschland. Stuttgart / Weimar: Metzler, 1999. pp. 242 – 245. REIBNITZ, B. *Ein Kommentar zu Friedrich Nietzsche, 'Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik' (Kapitel 1 – 12)*. Stuttgart / Weimar: Metzler, 1992. p. 1.

<sup>9</sup> Cf. SILK, M.S. & STERN, J.P. *Nietzsche on Tragedy*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1999, p. 105.

<sup>10</sup> Numa carta a Wilhelm Vischer, Ritschl diz que se, por um lado, Nietzsche parece ser um místico wagneriano e schopenhaueriano, por outro lado ele continua se mostrando ser um adepto do mais forte método de pesquisa científica. Cf. Carta de Friedrich Ritschl para Wilhelm Vischer, dia 2 de fevereiro de 1873, KSA 15. 46.

<sup>11</sup> Cf. SILK, M.S., & STERN, J.P., *Op. cit.*, pp. 143 – 144 e 164. As considerações nietzschianas sobre a tragédia podem ser vistas como uma referência indispensável para estudos acadêmicos sobre esse tema na nossa atualidade, ainda que também esteja praticamente consolidado o consenso de que essas considerações devem ser recepcionadas de forma parcimoniosa. Como diz Gazolla, “algo da filosofia nietzschiana facilita-nos a compreensão da tragédia – o que o filósofo capta do universal ao pensar o homem –, mas sua reflexão muito peculiar não chega a explicitar o trágico grego” (GAZOLLA, R., *Para não ler ingenuamente uma tragédia grega*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 24).

séria investigação científica que oferece contribuições estimulantes para os estudos de antiguidade clássica. Erwin Rohde dá início a essa campanha para restituir a credibilidade acadêmica da primeira obra de Nietzsche<sup>12</sup>, uma campanha que encontraria eco no século XX com Walter Otto e a sua reabertura da polêmica com Wilamowitz<sup>13</sup>. Essa linha de defesa trazida por Rohde, que busca reduzir a controvérsia em torno de *O nascimento da tragédia* a uma disputa erudita, foi aquela mais exaltada por Nietzsche – mais ainda do que a defesa pública apresentada por Wagner –, porquanto ele encontrava aí um veículo imediatamente mais vantajoso para reconquistar a reputação perdida na comunidade acadêmica, abrandando, assim, os seus temores com uma recepção demasiado indiferente e receosa por parte dos filólogos acerca do valor científico dessa obra<sup>14</sup>. Em cartas endereçadas a Friedrich Ritschl e Malwida von Meysenburg, Nietzsche expressa o alívio por estar sendo retratado como um filólogo por Rohde, lembrando, ainda, que o seu primeiro livro pode oferecer muita coisa no “plano da pura filologia” (Carta para Malwida von Meysenburg, dia 7 de novembro de 1872, KSB 4. 82)<sup>15</sup>.

Sugere-se, portanto, que a caracterização de Nietzsche enquanto um diletante descompromissado com pesquisas sérias no terreno da filologia seria injustificada, podendo ser o reflexo de uma má-fé nutrida por razões circunstanciais e muito pouco íntegras – poder-se-ia dizer que, enquanto um pupilo de Otto Jahn, Wilamowitz ataca Nietzsche somente por sua associação com Ritschl<sup>16</sup>. Essa possibilidade angariou adeptos entre os estudiosos de Nietzsche na atualidade, preparados para retratá-lo como um filólogo convencional e leal à ortodoxia dos estudos clássicos de seu tempo<sup>17</sup>. Todavia,

<sup>12</sup> Rohde, na carta intitulada *Afterphilologie*, publicada em defesa de Nietzsche contra Wilamowitz, tem como uma de suas estratégias provar que “os pressupostos filosóficos” não levaram Nietzsche a “negligenciar as bases históricas de suas pesquisas” (ROHDE, E. *Filologia retrógrada (Afterphilologie)*. In: MACHADO, R. (Org.) *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Trad. Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 98).

<sup>13</sup> Cf. REIBNITZ, *Op. cit.*, p. 1. GIRARDOT, R.G. *Nietzsche y la filología clásica; La poesia de Nietzsche*. Bogotá: Panamericana, 2002, p. 15.

<sup>14</sup> Numa das várias cartas a Rohde em que compartilha essas inquietações, Nietzsche lamenta que, após o panfleto de Wilamowitz, os filólogos o tomem por um “filólogo da fantasia”, um “literato da música (*Musiklitterat*)”, um “quimérico” ou “imbecil”. Cf. Carta para Erwin Rohde, dia 18 de junho de 1872, KSB 4. 13.

<sup>15</sup> Cf. também carta para Friedrich Ritschl, dia 12 de agosto de 1872, KSB 4. 45.

<sup>16</sup> Cf. WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U., *Erinnerungen. 1848 – 1914*. Leipzig: Koehler, 1928, p. 129. SILK, M.S., & STERN, J.P., *Op. cit.*, pp. 103 e 104.

<sup>17</sup> Segundo Cancik, “os trabalhos leipzigianos de Nietzsche espelham exatamente os temas, os métodos e o nível da filologia clássica da sua época” (CANKIK, H., *Nietzsches Antike. Vor-*

eu gostaria de sugerir que essa tentativa de tornar a filologia nietzschiana cientificamente confiável não só subestima o valor das invectivas dos filólogos universitários, como corre o risco de esmorecer um projeto audacioso de revisão metodológica da filologia que move o jovem Nietzsche.

A filologia foi fundada por Friedrich Wolf com o intuito de coibir o proselitismo e o amadorismo incrustado no discurso da “grecomania” que, então, tomava conta do imaginário alemão. A filologia não procura venerar os gregos, mas estudá-los cientificamente, um desejo que define a filologia como uma disciplina universitária. Quando Wolf cunha o termo “ciência da antiguidade” (*Alterthumswissenschaft*), o seu propósito é fazer com que os estudos clássicos tenham como modelo as ciências naturais, o que significa, em primeiro lugar, que os estudos da antiguidade devem incorporar o caráter esotérico da física ou da biologia, transformando a filologia num campo restrito a especialistas. Além disso, a ciência da antiguidade deve se inspirar metodologicamente nas ciências da natureza. Muito embora exista uma distância no concernente aos objetos – o filólogo não pode observar diretamente o mundo antigo –, deve-se manter a esperança positiva de estar lidando com fatos para, então, desvendar a verdade do mundo antigo<sup>18</sup>. O reflexo desse espírito científico se fará notar naquele que é o principal método mobilizado pelos filólogos: o método histórico-crítico<sup>19</sup>. Com efeito,

---

*lesung*. Stuttgart / Weimar: Metzler, 1995, p. 17). Para Benne, por sua vez, Nietzsche não teria sido um crítico do método filológico da escola de Bonn, mas do ofício do filólogo educador – crítica concentrada nas notas de *Wir Philologen* –, o que o torna, nesse aspecto, um “típico filólogo da época” (BENNE, C., *Nietzsche und die historisch-kritische Philologie*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2005. p. 4).

<sup>18</sup> Cf. BOLTER, J. Friedrich August Wolf and the Scientific Study of Antiquity. *Greek, Roman and Bizantine Studies*, 21, 2011, pp. 84 – 99. Eminentes filólogos do século XIX creem no pertencimento da filologia ao “grupo das ciências naturais”, como August Schleicher. Beneficiando-se de sua formação em botânica, Schleicher define o filólogo como um naturalista que deve estudar a linguagem, o seu objeto, tal como o “botanista estuda as plantas” (HOVELACQUE, A. *The Science of Language. Linguistics, Philology, Etymology*. Trad. A.H. Keane. London: Chapman and Hall, 1877, p. 7). Outro caso exemplar é Hipólito Taine que, movido pelo desejo de emparelhamento com o naturalismo, sugere que a história e todos os seus ramos especiais, como a filologia, tome como referência a zoologia. Cf. CASSIRER, E. *El problema del conocimiento en la filosofía y en la ciencia modernas*. IV. Trad. Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura, 1986, p. 302.

<sup>19</sup> Nos seus primórdios, expressamente no período alexandrino, a crítica era entendida como um ramo da *grammatikê*. Etimologicamente, a palavra crítica, assim como crise, provém do verbo grego *krinein*, que significa separar, especificar, julgar e decidir, o que pode explicar seu uso corrente em outros campos, como no direito e medicina Cf. RÖTTGERS, K. *Kritik und Praxis. Zur Geschichte des Kritikbegriffs von Kant bis Marx*. Berlin / New York: Walter

o método histórico-crítico, concebido originariamente pelos alexandrinos, e tendo como traço distintivo a tarefa de investigar empiricamente a legitimidade acerca dos documentos transmitidos pela tradição, ergue o paradigma da cientificidade. Tal como nos mostra Lange, em Alexandria, onde renasce o apreço grego pelas ciências positivas, o método passa a se tornar o modelo para todas as ciências vindouras, em detrimento da especulação filosófica; indução, experiência e hipótese passam a fornecer o estofa da metodologia científica<sup>20</sup>. Não por acaso Renan enxerga, na filologia e seu método, a fonte do espírito moderno, embrenhado pelo ideário cientificista.

Eu não temo exagerar ao dizer que a filologia, inseparavelmente ligada à crítica, é um dos elementos mais essenciais do espírito moderno, que sem a filologia o mundo moderno não seria o que é, que a filologia constitui a grande diferença entre a idade média e os tempos modernos (...) O espírito moderno, quer dizer o racionalismo, a crítica, o liberalismo, foi

---

de Gruyter, 1975, p. 19. BOECKH, A. *Encyclopädie und Methodologie der philologischen Wissenschaften*. Leipzig: Teubner, 1877, p. 170. Todavia, foi quando associada com o ofício do *grammatikos* que a crítica ganhou um significado mais preciso. Na era de ouro da literatura grega, *grammatikos* é aquele familiarizado com as letras do alfabeto, ou seja, aquele que sabe ler. É somente entre os alexandrinos que esse sentido sofre uma decisiva alteração, sendo equiparada com o “estudante de literatura”, especialmente da literatura poética, tendo em Teofrasto seu primeiro representante. É nesse momento que *kritikos* surge como um tipo muito próprio de tarefa do *grammatikos* – ainda que existam indicações de que, num período anterior, o sentido de *kritikos* teria a sua contrapartida na compreensão alexandrina de *grammatikê*. Em poucas palavras, são *kritikoi* aqueles que, como Ateneu e Cícero, julgam criticamente (cf. *krinein*) acerca da genuinidade dos documentos transmitidos pela tradição. Cf. SANDYS, J.E. *A History of Classical Scholarship*. From the Sixth Century B.C. to the End of the Middle Ages, I. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1903, pp. 6 – 11. GUDEMAN, A. *Grundriss der Geschichte der klassischen Philologie*. Leipzig/Berlin: Teubner, 1909, pp. 1 – 7. Após o predomínio da compreensão médica da crítica na idade média, há uma retomada, a partir da renascença, da crítica no seu sentido alexandrino. Esse resgate coincide, não por acaso, com o amadurecimento da filologia na modernidade. Cf. RÖTTGERS, K., *Op. cit.*, p. 19. Nas palavras de Sandys, “aquele que na modernidade é chamado na Inglaterra *scholar*, na França *philologue*, e na Alemanha *philolog*, seria na antiguidade chamado ou *grammaticus* ou *criticus*” (SANDYS, J.E., *Op. cit.*, p. 11). De qualquer modo, tal como nos mostra Renan, a crítica executada pelos antigos deixava muito a desejar quando comparada com a crítica moderna, uma vez que inexistiam manuais de noções comuns, bem como dicionários biográficos, historiográficos e geográficos. Pesa também o fato de não ser corrente a crítica comparada. Exemplo paradigmático é o de Aristarco, que acusava as interpolações de Homero a partir dos versos que desagradavam o seu gosto. Cf. RENAN, E. *L’avenir de la science. Pensées de 1848*. Paris: Calmann Lévy, 1890, p. 142 e 143.

<sup>20</sup> LANGE, F.A., *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart I*. Iserlohn: J. Baedeker, 1877, p. 87.

fundado no mesmo dia da filologia. Os fundadores do espírito moderno são os filólogos<sup>21</sup>.

É verdade que o jovem Nietzsche preza os pontos de vista do cientificismo e do historicismo – Nietzsche salienta, no período em que é estudante secundarista em Pforta, a importância da “história e das ciências da natureza” (Fado e história, KGW, I, 2. 435) –, e que ele também nutre uma grande estima por Wolf – Nietzsche chega a designar Wolf como o seu “grande predecessor” (Nachlass/FP 1870 - 1871, 7[9], KSA 7. 156)<sup>22</sup>. Porém, isso não faz com que Nietzsche se limite a conferir assentimento às diretrizes dominantes da filologia de seu tempo. Essa clivagem é provocada pelo seu projeto de conceber uma “filologia filosófica”. “Toda e qualquer atividade filológica”, diz Nietzsche em sua apresentação inaugural na Universidade da Basileia, “deve ser cercada e imbuída (*eingebegt*) por uma visão de mundo filosófica”, o que autoriza a inversão da fórmula de Sêneca: “*philosophia facta est quae philologia fuit*” (Homero e a filologia clássica, KGW, II, 1, p. 268). Essa exortação à filosofia tem por finalidade romper com a visão demasiadamente estreita da filologia enquanto um ofício analítico que aspira à pura erudição, criando, dessa forma, condições propícias para se colocar “grandes questões” visando à compreensão total – por exemplo, questões que interroguem o “sentido” último da tragédia grega<sup>23</sup>. Apoiada pela filosofia e a sua revelação do universal, a filologia passa a ver a si mesma como uma atividade sintética que auxilia na elevação do “homem moderno”. Essa filologia reformada não estaria tão somente comprometida com frias normas científicas, mas também com o encargo de ver no mundo grego o caminho para verdades eternas, o que deveria, em última instância, suscitar efeitos estetizantes e edificantes: o reconhecimento da Antiguidade Clássica como um “mundo ideal”, um espelho “eternamente exemplar” (Homero e a filologia clássica, KGW, II, 1, p. 249 e 250). Nietzsche busca incutir o valor formador na mentalidade

<sup>21</sup> RENAN, E., *Op. cit.*, pp. 138 e 141.

<sup>22</sup> Para Riedel, enquanto filólogo, Nietzsche teria sido fundamentalmente wolfiano, e foi somente a partir de *O nascimento da tragédia* que seus caminhos passam a se separar. Cf. RIEDEL, M. Die Erfindung des Philologen. Friedrich August Wolf und Friedrich Nietzsche. In: ADRIAANSE, H.J., ENSKAT, R., (eds.) *Fremdheit und Vertrautheit*. Hermeneutik im europäischen Kontext. Leuven: Peeters, 2000, p. 120.

<sup>23</sup> Elisabeth revela, com base em conversas que teve com o irmão, que foi justamente o propósito de compreensão total da antiguidade que levou Nietzsche para a filologia. Cf. FÖRSTER-NIETZSCHE, E. *The Young Nietzsche*. Trad. Anthony Ludovici. London: Heinemann, 1912, p. 180.

fortemente científica do filólogo como o valor mais elevado, o que viabiliza uma retomada enfática dos ideais educacionais do projeto apresentado pelos classicistas de uma regeneração cultural da Alemanha mediante um retorno aos gregos<sup>24</sup>.

Essa requisição de uma filologia filosófica é incomum. É preciso lembrar que, na época de Nietzsche, a filologia evitava qualquer tipo de aproximação com a filosofia. Filólogos como Lachmann, Wilamowitz, Jahn e, mais próximo a Nietzsche, Ritschl, defendiam com veemência a necessidade de se formular uma filologia não filosófica que se ocupasse somente com o método e não com abstrações<sup>25</sup>. Nesse sentido, Nietzsche poderia ser posicionado na senda muito singular de Schlegel e Boeckh – é de Schlegel a frase “o filólogo mesmo deve ser filósofo”<sup>26</sup> e foi Boeckh quem definiu a meta da filologia como o “conhecimento do conhecido”, exigindo que a reconstrução histórico-crítica da época clássica empreendida pela filologia seja complementada dialeticamente pela atividade construtiva da filosofia, etapa indispensável para que

<sup>24</sup> Como diz Pöschl, “o fim da filologia clássica é, para Nietzsche, não a ampliação do saber, mas a formação” e que “com isso ele permanece na tradição que foi cunhada na Alemanha pela religião grega da época de Goethe e o programa de formação de Wilhelm von Humboldt” (PÖSCHL, V. Nietzsche und die klassische Philologie. In: FLASHAR, H., GRÜNDER, K., HORSTMANN, A., (eds.) *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert*. Zur Geschichte und Methodologie der Geisteswissenschaften, I. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979, p. 141).

<sup>25</sup> Cf. LANDFESTER, M. Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff und die hermeneutische Tradition des 19. Jahrhunderts. In: FLASHAR, H., GRÜNDER, K., HORSTMANN, A., (eds.) *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert*. Zur Geschichte und Methodologie der Geisteswissenschaften, I. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979, p. 157. FIGL, J., Hermeneutischen Voraussetzung der philologischen Kritik. Zur wissenschaftsphilosophischen Grundproblematik des im Denken des Jungen Nietzsche. *Nietzsche Studien*, 13, 1984, p. 113. RIBBECK, O., *Friedrich Wilhelm Ritschl*. Ein Beitrag zur Geschichte der Philologie. II. Leipzig: B.G. Teubner, 1879, pp. 18 e 142. Nietzsche mesmo retrata essa resistência de Ritschl em se aproximar da filosofia: “Ele superestimava incondicionalmente o seu campo de estudo (*Fachs*) e, devido a isso, relutava em admitir que os filólogos se aproximassem da filosofia” (Nachlass/FP 1867 – 1868, 60[1], KGW I, 4. 520). Um sinal dessa incompatibilidade de visões pode ser identificado numa carta enviada por Ritschl a Nietzsche na qual o mestre lembra que a sua natureza está associada de forma decisiva ao historicismo, de tal modo que nunca lhe pareceu possível encontrar a “redenção do mundo” num “sistema filosófico” (Carta de Friedrich Ritschl, dia 14 de fevereiro de 1872, KGW II, 2. 541).

<sup>26</sup> SCHLEGEL, F. Zur Philologie I. In: *Kritische Ausgabe*, 16. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1981, p. 35. Richard Gray já apontou para as similitudes entre as filologias de Schlegel e Nietzsche. Cf. GRAY, R. T., *Kritische Parabase: Schlegel, Nietzsche und die kulturkritische Philologie, oder Wie man mit dem Hammer philologiert*. In: KREMER, D., ALT, P.A. (eds.) *Friedrich Schlegel und Friedrich Nietzsche. Transzendentalpoesie oder Dichtkunst mit Begriffen*. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2009, pp. 95 – 107.

os propósitos hermenêuticos da filologia sejam atingidos<sup>27</sup>. Mas há algo que torna o entrelaçamento proposto por Nietzsche entre filosofia e filologia ainda mais peculiar: a solicitação, de inclinação kantiana, da consciência epistemológica do filólogo<sup>28</sup>. Sabemos que o aspecto filosófico se faz presente quando a filologia serve como um instrumento para que se coloquem questões que auxiliam na compreensão total e, no limite, na elevação da cultura. Porém, em paralelo a essa tarefa, veremos que há também o desejo filosófico de fazer com que o filólogo se reconheça como “sujeito do conhecimento”. O idealismo do clássico não seria primordialmente o resultado da recolocação de uma atitude especulativa ou de um projeto puramente formador, mas o reflexo de uma crítica perante o positivismo dos filólogos concebida à luz da “teoria do conhecimento” fundada por Kant e os neokantianos. À revelia do paradigma objetivista do método histórico-crítico, Nietzsche requer a internalização da consciência epistemológica do filólogo, que deve, doravante, aceitar que o conhecimento da antiguidade sofre a influência de elementos subjetivos.

#### AS REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE O MÉTODO

O vínculo de Nietzsche com a filologia tem início em Pforta, sendo acentuado após o encontro com Ritschl, em Bonn. Ritschl foi uma figura venerada por Nietzsche. As causas para tanto variam desde o apoio que Nietzsche

<sup>27</sup> Cf. HORSTMANN, A., *Antike Theoria und moderne Wissenschaft: August Boeckh Konzeption der Philologie*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1992, pp. 115 – 139.

<sup>28</sup> Tanto Boeckh quanto Schlegel rejeitam que a aproximação entre filologia e filosofia possa ocorrer em solo kantiano. Numa das anotações do seu livro nunca publicado sobre filologia, Schlegel ridiculariza o kantiano que pretende fazer filologia. Cf. SCHLEGEL, F., *Op. cit.*, p. 35. Pois há uma insuperável discrepância entre o apriorismo kantiano com a historicidade do filólogo. Como diz ainda Schlegel num outro fragmento: “o filólogo é um sujeito histórico” (SCHLEGEL, F., *Op. cit.*, p. 49). Com Boeckh – cujas raízes filosóficas estão em Leibniz, Locke e Schelling – ocorre algo semelhante na medida em que a sua busca pelo ideal helênico não se adequa à teoria do conhecimento subjetivista kantiano. Cf. WACH, J., *Das Verstehen. Grundzüge einer Geschichte der hermeneutischen Theorie im 19. Jahrhundert* I. Tübingen: Mohr, 1984, pp. 172 e 173. VOGT, E., *Der Methodenstreit zwischen Hermann und Böckh und seine Bedeutung für die Geschichte der Philologie*. In: FLASHAR, H., GRÜNDER, K., HORSTMANN, A., (eds.) *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert*. Zur Geschichte und Methodologie der Geisteswissenschaften, I. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979, p. 109. Veremos que Nietzsche não identificou a contradição entre o transcendentalismo kantiano e o historicismo muito provavelmente por ter identificado, num primeiríssimo momento, a teoria do conhecimento dos kantianos como tão somente um tipo de subjetivismo.

sempre encontrou em Ritschl para questões de ordem profissionais – é de Ritschl que parte o convite para a primeira publicação de Nietzsche: seu trabalho sobre Teógnis no *Rheinische Museum*<sup>29</sup> – até as morais e científicas<sup>30</sup>. Um dos aspectos que seguramente o influenciou de forma positiva foi a supervalorização conferida por Ritschl ao método; o lema “é melhor errar metodicamente do que não metodicamente, i.e., por acaso, encontrar a verdade”<sup>31</sup> deve ter provocado um profundo impacto em Nietzsche. Na retrospectiva dos seus dois anos enquanto estudante universitário em Leipzig, Nietzsche revela que a sua atenção nas aulas estava quase que completamente voltada para o método: muito mais do que a “matéria das aulas”, interessava-lhe a “forma com a qual o professor trazia sua sabedoria”; “o método”, revela Nietzsche, “foi aquilo pelo que participei vivamente” (Nachlass/FP 1867 – 1868, 60[1], KGW I, 4. 511).

Esse interesse pelo método, compartilhado com Ritschl, não se traduz, contudo, numa incondicional adesão por parte de Nietzsche aos pressupostos metodológicos do seu mestre. Desde o início de seus estudos filológicos, Nietzsche não esconde o temor em ser “determinado por homens como Ritschl” e se “afastar da própria natureza” (Carta para Hermann Mushake, dia 30 de Agosto de 1865, KSB 2. 81), o que definitivamente pode ser traduzido como um anseio por liberdade intelectual. É certo que alguns elementos priorizados pela filologia de Ritschl estarão no horizonte nietzschiano, sobretudo a pesquisa voltada para as fontes. Mas os princípios metodológicos de Nietzsche vão além de uma repetição de Ritschl e a sua proposta de uma unificação entre *Sprach* e *Sachphilologie* (ou entre Hermann e Boeckh)<sup>32</sup>. A rigor, Nietzsche não possui esperanças de encontrar qualquer paralelo que

<sup>29</sup> Cf. Carta para Carl Dilthey, 2 de abril de 1866, KSB 2. 117. Esse trabalho viria a ser publicado em 1867, no volume 22 do *Rheinische Museum*.

<sup>30</sup> Diz Nietzsche sobre Ritschl: “Ele é o único cuja censura eu escuto de bom grado, pois todos os seus julgamentos, são e sólidos, possuem tato para a verdade, de modo que ele é para mim uma espécie de consciência moral científica” (Carta para Paul Deussen, dia 4 de Abril de 1867, KSB 2. 205). Sobre a influência de Ritschl sobre Nietzsche, Montinari é categórico: “A influência que a personalidade de Ritschl exerceu sobre Nietzsche só é comparável com aquela de Wagner” (MONTINARI, M., *Friedrich Nietzsche. Eine Einführung*. Trad. Renate Müller Buck. Berlin / New York, 1991, p. 32).

<sup>31</sup> RITSCHL, F. Zur Methode der philologischen Studiums. in: *Opuscula*. V. Leipzig: Teubner, 1879, p. 27.

<sup>32</sup> Sobre a metodologia de Ritschl, Cf. WACH, J., *Op. cit.*, pp. 273-282. Cumpre lembrar que Nietzsche desprezava a disputa metodológica entre *Sprach* e *Sachphilologie*, classificando-a como uma “estupidez” (Nachlass/FP 1875, 5[106], KSA 8. 67).

seja na cena filológica alemã, o que pode ser comprovado numa carta escrita para Rohde na qual ele expressa a sua decepção com os “filólogos do nosso tempo”, insensíveis aos “problemas urgentes da vida”, quer os mais jovens, quer os mais velhos (Carta para Erwin Rohde, dia 20 de Novembro de 1868, KSB 2. 344). O motivo para essa sensação de desolação passa também pelo problema do método.

As primeiras considerações mais enfáticas e críticas sobre o método estão concentradas numa série de anotações que Nietzsche redige entre 1867 e 1869. Nelas, ele se ocupa com o problema da veracidade das fontes e da compreensão promovida pelos estudos históricos a partir de uma abordagem crítica das transmissões. O seu primeiro interesse é o de corrigir os estudos filológicos mediante o acréscimo de novos pontos de vista. “A crítica-histórico(?) literária, nos nossos dias”, diz Nietzsche, “aprendeu, sobretudo por duas razões, uma admirável audácia”. Primeiramente, se perdeu o “ponto de vista ingênuo” em relação aos “testemunhos”, o que se revela particularmente prolífico no campo dos estudos peripatéticos. Ademais, se “procura agora alcançar os problemas literários especialmente pelo lado interior”, i.e: “se pergunta agora pelo problema psicológico”. Uma vez apontadas as alterações, Nietzsche oferece o quadro geral que daí resulta.

Os resultados desse novo método são os seguintes: é-se, antes de tudo, ilimitadamente cético, pois o ceticismo ainda não encontrou nenhuma medida. Segue-se, porém, com o ceticismo até os últimos fins, pois, lá, se atingem frequentemente os seus limites. O ceticismo nos mostra quão fraco era o corrimão em que nos apoiávamos. Todo vestígio de dogmatismo agora está morto (Nachlass/FP 1867 – 1868, 57[4], KGW I, 4. 404 e 405).

O método é redefinido como uma prática que prescreve ceticismo ao filólogo perante os textos recolhidos do passado; antes do assentimento à veracidade acerca da autenticidade dos documentos recebidos, deve prevalecer a desconfiança.

Conquistar essa desconfiança não é uma tarefa simples. Ela exige, antes de tudo, que o “pesquisador histórico-literário” mantenha os seus laços com a cientificidade atualizados, e se afaste do “senso comum”. “Não é mais respeitável”, diz Nietzsche, “um pesquisador histórico-literário adormecer confortavelmente nas sombras da tradição”. O seu temor é que o “método crítico” tome como referência o senso comum, ignorando que a sua pretensa consistência somente oculta um *perpetuum mobile*, algo que pode ser facilmente provado pela “história de todas as ciências”. Uma vez livre do senso

comum, ou ao menos de suas fantasias, o pesquisador torna-se mais aberto a “perder a confiança ingênua na antiguidade e nos seus próprios testemunhos”, estando, assim, em maior concordância com o espírito da atualidade, época em que a ilimitada “confiança” passa para a ilimitada “desconfiança”; que a antiga eticidade conferida à “crença” passa para o lado da “dúvida”. Com isso, Nietzsche está demarcando um nítido limite entre filologia e senso comum. O senso comum é guiado pelo impulso que tende para o ocultamento da fragilidade das suas crenças, enquanto a filologia tem a função, em nada mórbida ou autodestrutiva – Nietzsche insiste que essa situação não é um “sintoma doentio da nossa ciência” – de suspender essa obliteração (Nachlass/FP 1867 – 1868, 61[3], KGW I, 4. 534 e 535).

Portanto, o ceticismo é um antídoto do método crítico contra os preconceitos da tradição, o que não significa que o ceticismo enquanto tal seja um estado absoluto e insuperável. “Através do ceticismo”, diz Nietzsche, “nós subvertemos (*untergraben*) a tradição” para “talvez descobrir que a tradição tinha razão”, algo que poderia ser acusado por um hegeliano de um procedimento dialético que busca a verdade pela “negação da negação” (Nachlass/FP 1867 – 1868, 61[3], KGW I, 4. 536). Caso emblemático do ceticismo superado se deu no trabalho de Nietzsche sobre Demócrito. Inicialmente envolvida por “considerações céticas”, a sua pesquisa gradualmente se rende novamente à tradição quando atinge “uma nova imagem total da importante personalidade de Demócrito”, processo batizado, não por acaso, de “salvação (*Rettung*) da negação através da negação” (Carta para Carl von Gersdorff, dia 16 de fevereiro de 1868, KSB 2. 255).

Eis uma proposta forte, mas não necessariamente, nesse ponto, original. Outros filólogos reivindicavam esse ceticismo sobre as fontes, sendo particularmente significativo para Nietzsche os trabalhos de Valentin Rose. Ainda que Nietzsche não esconda a sua lista de objeções pontuais a Rose – por exemplo, as associadas às posições de Rose sobre as fontes de Diógenes<sup>33</sup> –, além de formais e estilísticas – Nietzsche acusa a falta de sistematicidade e belas formas nos livros de Rose –, ele não deixa de exaltar as suas conquistas, sobretudo no campo da pseudoepigrafia<sup>34</sup>. Um dos aspectos que mais chamou a atenção de Nietzsche de maneira positiva foi o ceticismo metodológico de Rose. Os trabalhos de Rose, diz Nietzsche, mostram que os “limites do ceticismo na história da literatura não foram ainda estabelecidos” e que “não

<sup>33</sup> Cf. Nachlass/FP 1867, 48[1], KGW I, 4.140 e 141.

<sup>34</sup> Cf. Nachlass/FP 1867 – 1868, 58[3], KGW I, 4. 444 – 447.

se exauriu ainda a força desse método” (Nachlass/FP 1867 – 1868, 57[27], KGW I, 4. 394). A *Democritea*, o ambicioso projeto em que Nietzsche pretende contestar o *corpus* das obras atribuídas a Demócrito, teria seu correlato no famoso trabalho de Rose *Aristoteles Pseudepigraphus*<sup>55</sup>.

Assim, em suas primeiras considerações críticas sobre o método dos filólogos, Nietzsche está menos comprometido com o desenvolvimento de um novo método do que com a promoção de um método cientificamente mais promissor. Sequer se poderia dizer, sem hesitações, que Nietzsche está engajado com a difusão de uma voga heterodoxa, a do ceticismo metodológico de Rose, uma vez que essa postura cética era já um traço hegemônico nos estudos filológicos desde Wolf<sup>56</sup>. Porém, essas primeiras considerações coexistem com outras, notadamente mais originais e audazes, nas quais Nietzsche é menos condescendente com o positivismo que alimenta o método histórico-crítico. Essas considerações são norteadas pelo ponto de vista da teoria do conhecimento herdada da tradição kantiana.

Nietzsche confere assentimento às diretrizes basilares da teoria do conhecimento – bem entendida enquanto um evento filosófico historicamente identificável<sup>57</sup> – desde muito jovem. Influenciado por Schopenhauer e pelos neokantianos, sobretudo Lange, Nietzsche propala, em momentos esparsos de sua produção de juventude, o combate à especulação dos metafísicos no horizonte teórico juntamente à necessidade de restringir todo conhecimento possível à experiência<sup>58</sup>. A verdadeira essência das coisas, a coisa em

<sup>55</sup> Cf. PORTER, J. *Nietzsche and the Philology of the Future*. Stanford / California: Stanford Univ. Press, 2000, p. 37.

<sup>56</sup> *Idem, ibidem*, pp. 38 e 39.

<sup>57</sup> Apesar dos seus antecedentes estarem em Locke e Kant, a teoria do conhecimento, enquanto um programa filosófico unificado que combate o pensamento especulativo, e que busca fornecer objetividade ao conhecimento científico, surge somente na segunda metade do século XIX com os neokantianos. Cf. NASSER, E. Teoria do conhecimento (surgimento). Disponível em <<http://arethusa.fflch.usp.br/node/104>>. Acesso em: 16 out. 2014.

<sup>58</sup> Segundo Salaquarda, Nietzsche foi exposto pela primeira vez ao criticismo filosófico via Schopenhauer e o seu transcendentalismo kantiano. “Ele (Nietzsche) viu, portanto, a colocação do problema da filosofia transcendental primeira e fundamentalmente com os olhos de Schopenhauer” (SALAQUARDA, J. *Nietzsches Kritik der Transzendentalphilosophie*. In: LUTZ-BACHMANN, M., (ed.) *Über Friedrich Nietzsche. Eine Einführung in seine Philosophie*. Frankfurt am Main: Josef Knecht, 1985, p. 31). Essa afirmação acena para uma dívida teórica de Nietzsche para com Schopenhauer que, indubitavelmente, existe. Porém, o ponto é que essa dívida vem acompanhada por uma numerosa quantidade de ressalvas, fazendo com que Schopenhauer seja mais influente enquanto uma alternativa existencial, emocional e estilística, uma linha de apreciação que viria encontrar seu momento culminante na terceira *Extemporã-*

si, nada mais é senão uma “categoria oculta” produzida por nossa própria organização<sup>39</sup>. Se existe realmente uma coisa em si para além da experiência, nós não sabemos. O que sabemos, tal como diz Nietzsche citando Lange numa de suas cartas escritas a Gersdorff, é que o conceito de coisa em si é o “último epítome de uma oposição condicionada pelo nosso organismo” (Carta para Carl von Gersdorff, final de agosto de 1866, KSB 2. 160). Isso não faz, contudo, com que se deva conceder proeminência metodológica ao naturalismo. Pois o conhecimento sofre a influência de elementos subjetivos. Tal como fora ensinado por Kant, e depois Schopenhauer, espaço, tempo e causalidade são projeções subjetivas que compõem o mundo fenomênico<sup>40</sup>. Na verdade, Nietzsche transporta essa consciência epistemológica para o horizonte dos estudos clássicos, horizonte em que Nietzsche identifica a imprescindibilidade da teoria do conhecimento<sup>41</sup>, o que pode ser entendido como um sinal de superação do método de Rose, até então admitido<sup>42</sup>. A esse respeito, dois trechos são particularmente elucidativos.

Ele (o filólogo) precisa estudar filosofia a partir da necessidade mais íntima. Aqui se torna útil para ele a associação entre Platão e Kant. Ele precisa primeiramente se convencer pelo idealismo e corrigir suas visões ingênuas

---

*nea*. Primordialmente – e esse é um consenso quase que completamente estabelecido entre os especialistas – Nietzsche foi, na verdade, um crítico das teorias schopenhauerianas, e é essa em parte a tônica do escrito não publicado de 1868 *Zu Schopenhauer*. Com o apoio fundamental de Lange, mas também de outros neokantianos como Haym, Ueberweg e Liebmann, Nietzsche elabora uma dura inspeção do sistema schopenhaueriano, expondo suas contradições e condenando justamente a sua falta de criticismo.

<sup>39</sup> Nietzsche alude a essa fórmula de Lange em *Zu Schopenhauer* com o intuito de imunizar a filosofia de Schopenhauer aos ataques desferidos por Rudolf Haym e Friedrich Ueberweg. Cf. Nachlass/FP 1867-1868, 57[55], KGW I, 4. 421.

<sup>40</sup> Cf. GT/NT, 18, KSA 1. 118.

<sup>41</sup> Como bem aponta Luigi Cataldi Madonna, “substancialmente a sua (de Nietzsche) gno-seologia é o fruto mais saboroso, ainda que menos evidente, da experiência filológica”, na medida em que os estudos filológicos teriam exposto e confirmado a impossibilidade, extraída de Kant, de “fundar o processo cognitivo sobre dados observados na sua simplicidade, puros e independentes da elaboração teórica do sujeito” (MADONNA, L.C., *Il razionalismo de Nietzsche. Filologia e teoria della conoscenza negli scritti giovanili*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1983, pp. 106 e 114).

<sup>42</sup> “Lendo Lange, Nietzsche pôde perceber que o ceticismo de Rose era no máximo uma extensão do positivismo filológico, uma redenção ao fato positivo” (PORTER, J., *Nietzsche and the Philology of the Future*. Stanford / California: Stanford Univ. Press, 2000, p. 52). Porter ainda diz que são as posições neokantianas de Lange que abastecem o “núcleo da filologia cética e crítica de Nietzsche” (PORTER, J., *The Invention of Dionysus. An Essay on The Birth of Tragedy*. Stanford / California: Stanford Univ. Press, 2000, p. 14).

da realidade: uma vez conquistado esse acesso fundamental, ele adquire a coragem de considerações maiores e não temerá mais os paradoxos aparentes: o senso comum não irá mais se impor para ele. Ele precisa ter a coragem agora de procurar o seu caminho sozinho (Enciclopédia da filologia clássica, KGW, II, 3. 372).

O fato puramente inacreditável que Strauss não soube adquirir nada da crítica kantiana da razão para o seu testamento das ideias modernas, e que ele em toda ocasião só fala satisfeito (*Gefallen*) do realismo mais grosseiro, pertence às características mais notáveis do seu novo evangelho, que se apresenta somente como o resultado alcançado dos árduos estudos no domínio da história e das ciências da natureza e, assim, abnega toda a dimensão filosófica. Para o chefe dos filisteus e o seu “nós” não há filosofia kantiana. Ele não antecipa a antinomia fundamental do idealismo e a elevada relatividade de toda ciência e toda razão. Ou: precisamente a razão deveria lhe dizer o quão pouco através da razão se alcança (*auszumachen*) a visão do em si das coisas. (DS/Co. Ext. I, KSA 1. 190 e 191).

Nietzsche se vê como um discípulo de Kant, fazendo da filosofia a voz da razão que alerta o filólogo para os perigos do realismo; não moderar a “razão filológica” com a “razão filosófica” faz com que se conservem os preconceitos produzidos pelo realismo ingênuo, tal como aqueles propalados por Strauss<sup>43</sup>. Exige-se, assim, que o método histórico-crítico (objetivo) seja subsumido ao método crítico filosófico (subjetivo)<sup>44</sup>. Para o filólogo adquirir essa posição filosoficamente mais prudente, ele deve assimilar o idealismo – e idealismo não é outra coisa senão “idealismo transcendental”. A menção a Platão é um paradoxo aparente na medida em que, nesse período, Nietzsche vê a *Ideenlehre* platônica como uma “inestimável preparação para o idealismo kantiano” (*Introdução ao estudo dos diálogos platônicos*, KGW, II, 4. 7)<sup>45</sup>.

<sup>43</sup> Retoma-se aí, com efeito, o tom de algumas objeções lacônicas, levantadas em 1865, quando Nietzsche repreende o mesmo Strauss por não reconhecer a existência de pressupostos por detrás do uso do método histórico-crítico. Sobre essas objeções, Cf. NASSER, E. Sul cristianesimo del giovane Nietzsche. In: BUSELLATO, S. (Org.) *Nietzsche dal Brasile*. Trad. Giancarlo Micheli, Ferederico Nacci, Stefano Busellato. Pisa: Edizioni ETS, 2014, pp. 159-164.

<sup>44</sup> Como diz Kant, “o método crítico não se aplica ao conhecimento mesmo ou ao objeto, mas sim ao entendimento”, sendo, portanto, não um método “objetivo, e sim subjetivo” (KANT, I., *Lectures on Metaphysics*. Trad. Karl Ameriks e Steve Naragon. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2001, p. 285),

<sup>45</sup> É provável que essa aproximação entre Platão e Kant seja uma herança da exposição da história da filosofia a que Nietzsche foi exposto, pela mediação de Schopenhauer. No seu caderno de anotações da *Vorlesung* de Carl Schaarschmidt intitulada *Allgemeine Geschichte*

Seja como for, Nietzsche não está preocupado em salientar os benefícios do projeto “fundacionista” do idealismo transcendental dos kantianos. Aquilo que realmente lhe interessa é o desvelamento do caráter subjetivo e relativo de todo conhecimento científico. Para o jovem Nietzsche, a filosofia crítica de Kant representa o advento do “antropomorfismo”: “deve-se ‘demonstrar’ que todas as construções de mundo são antropomorfismos, e mesmo todas as ciências, se Kant tiver razão” (Nachlass/FP 1872 – 1873, 19[125], KSA 7.459).

A filosofia na atualidade pode somente destacar “o caráter ‘relativo’ de todo conhecimento, seu antropomorfismo, assim como a ubíqua e dominante força da ‘ilusão’” (Nachlass/FP 1872 – 1873, 19[37], KSA 7. 429). É esse direcionamento metodológico que deve ser absorvido pelos estudos históricos. A esse respeito, é crucial evocar uma interessante anotação não publicada na qual Nietzsche polemiza com uma passagem da obra *Lehrbuch der christlichen Dogmengeschichte*, do teólogo da escola de Tübingen Ferdinand Christian Baur. Nessa passagem, Baur ressalta que “desde que existe também uma crítica do conhecimento”, todo historiador deve diferenciar “as coisas como são em si e como elas nos aparecem”, uma formulação possível após o criticismo de Kant<sup>46</sup>. Contudo, isso não quer dizer, para Baur, que o modo de tratamento crítico, em seu antagonismo com a pura empiricidade, deva desembocar num subjetivismo; o modo de tratamento crítico, que confere sustentação ao “método especulativo”, quer tão somente enxergar com mais nitidez a “coisa no fundamento de sua essência”. Ora, será justamente contra essa complacência com o objetivismo que Nietzsche se posiciona. No seu entender, a coisa em si do historiador, o passado, é “inacessível”; o historiador não pode ignorar que está aprisionado às suas representações, ao seu tempo, às suas idiossincrasias. Donde se segue que “a ‘objetividade’ (*Objektivität*) a que somos capazes de aspirar está longe de sê-lo. Não passa de ‘subjetividade’ (*Subjektivität*) num nível (*Stufe*) mais distante” (Nachlass/FP 1867 – 1868, 56[6], KGW I, 4. 367 e 368).

---

*der Philosophie*, ministrada no ano de 1865 em Bonn, constam várias citações e considerações sobre a *Kritik der Kantischen Philosophie*, de Schopenhauer, que evidenciam esse paralelismo entre platonismo e kantismo, além do hinduísmo. Essas tendências filosóficas convergem quando atribuem ao mundo dos sentidos um caráter ilusório. Sobre essas anotações, cf. BROESE, K., Nietzsche's erste Begegnung mit Schopenhauer im Lichte eines bisher unveröffentlichten Manuskriptes aus seiner Bonner Studienzeit. *Schopenhauer Jahrbuch*, 85, 2004, p. 23.

<sup>46</sup> Nietzsche omite uma passagem do trecho original em que Baur revela as raízes kantianas que estão por detrás da formulação apresentada; Baur salienta que a crítica do conhecimento, ou a “teoria do conhecimento crítica”, existe, ao menos, “desde Kant” (BAUR, F.C., *Lehrbuch der christlichen Dogmengeschichte*. Stuttgart: Becher, 1847, p. IX).

Essa apreciação não é episódica, sendo recuperada de forma auspiciosa e central na segunda das *Considerações extemporâneas*. Apoiado pelos kantianos Schiller e Grillparzer<sup>47</sup>, Nietzsche conta mostrar que o objetivismo histórico, como o de Ranke, inspirado pelo estado impassível do pintor contemplativo, e que prevê uma imersão nos fatos do passado de forma pura, sem nenhum tipo de entrelaçamento com o frio observador, é vítima da superstição “que a imagem, que se mostra para um homem com esse temperamento, reencontra a essência empírica da coisa”<sup>48</sup>. Os historiadores da modernidade creem serem objetivos e, assim, mais justos do que homens pertencentes a outras épocas; chama-se de objetividade a atitude que faz das opiniões do presente o cânone que legisla a recepção do passado, em antagonismo à “subjetividade” que “não admite essas opiniões comuns”. Essa época veicula o ideal da impassibilidade, uma inclinação metodológica essencial para os filólogos que, na sua relação com os gregos, pretendem-se indiferentes aos apelos do seu objeto de estudos. Porém, aquilo que chamamos “história”, tal como dirá Grillparzer numa parte da citação recortada

<sup>47</sup> No período em que escreve *Über naive und sentimentalische Dichtung*, um escrito muito estimado pelo jovem Nietzsche, Schiller, que até então possuía um conhecimento muito superficial da história da filosofia, adere com notável convicção à causa kantiana. Cf. FISHER, K. *Schiller als Philosoph*. Heidelberg: Carl Winter, 1891, pp. 24 e 25. Grillparzer também era um entusiasta do criticismo kantiano, que, para ele, servia como um refúgio do hegelianismo. Tal como nos mostra Salaquarda, essa posição de Grillparzer não estava muito distante do neokantismo de Lange que, como sabemos, foi o principal apoio para o jovem Nietzsche conceber o seu ponto de vista epistemológico. Cf. SALAQUARDA, J., ‘Er ist fast immer einer der *Unserigen*’. Nietzsche und Grillparzer. In: BORSCHKE, T., GERRATANA, F., VENTURELLI, A. (eds.) ‘*Centauren-Gebrurten*’. *Wissenschaft, Kunst und Philosophie beim jungen Nietzsche*. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1994, p. 252. Ressalte-se, na mesma esteira, as confluências entre Schiller e Lange. Nas palavras de Vaihinger: “Lange reconhece como seu precursor imediato não Kant, mas Schiller” (VAIHINGER, H. *Die Philosophie des Als Ob*. System der theoretischen, praktischen und religiösen Fiktionen der Menschheit auf Grund eines idealistischen Positivismus. Leipzig: Felix Meiner, 1922, p. 758). Ainda sobre a influência de Schiller nas meditações de Nietzsche a respeito da história, cf. MERLIO, G., Schiller-Rezeption bei Nietzsche. In: BOLLENBECK, G., EHRLICH, L., (eds.) *Friedrich Schiller*. Der unterschätzte Theoretiker. Weimar: Böhlau, 2007, pp. 198 – 202.

<sup>48</sup> O modelo do artista contemplativo, modelo inspirado pela intuição estética dos românticos que deve nortear o historiador objetivista, foi cunhado por Ranke. Essa atitude contemplativa está em consonância com a sua conhecida pretensão de desvincular a história de uma tarefa educativa, reduzindo-a a um ofício que deve tão somente mostrar como algo verdadeiramente aconteceu (*wie es eigentlich gewesen*). Ressalte-se, contudo, que apesar de ser comumente visto como o maior representante do objetivismo ou realismo histórico, Ranke possui uma metodologia mais complexa que retém também aspectos idealistas. Cf. BEISER, F. *The German Historicist Tradition*. New York: Oxford Univ. Press, 2011, pp. 253 – 288.

por Nietzsche, “não é outra coisa senão a maneira que o espírito do homem assimila ‘eventos impenetráveis’”. O ato de fazer história supõe a imaginação do historiador, o que faz com que Nietzsche corrobore Schiller quando este aponta o caráter “propriamente subjetivo” que se oculta por detrás da postulação pelo historiador da pura objetividade. A história é invariavelmente posterior a uma tomada de posição do homem que a interpela; é somente uma grande personalidade, uma personalidade capaz de ser afetável, visando não só o passado, mas o seu presente e o futuro, que pode fazer história com excelência (HL/Co. Ext. II, KSA 1. 289 – 295). Logo, como diz Nietzsche numa nota preparatória para a segunda *Extemporânea*, “o assim chamado escrito histórico objetivo é impensável: os historiadores objetivos são personalidades arruinadas ou *blasées*” (Nachlass/FP 1873, 29[137], KSA 7. 692).

Para Nietzsche, esse quadro assim estabelecido representa uma ruptura definitiva com o momento em que as pesquisas histórico-literárias estavam submetidas às sombras da tradição. Será junto à evolução no tratamento dos textos e ao “progresso da filosofia de Wolff até Kant” que se faz possível emergir “uma pesquisa metodologicamente sadia” (Nachlass/FP 1867 – 1868, 57[42], KGW I, 4. 405). À luz da filosofia kantiana, o filólogo toma consciência de sua influência na fixação do saber. Essa maneira de praticar a história pode ser encarada não só como uma peculiaridade moderna, mas também como um tipo de resgate de uma inclinação da historiografia grega. No curso ministrado entre 1874 e 1876 intitulado “A história da literatura grega”, Nietzsche aborda uma grande quantidade de historiadores gregos e mostra que, para eles, fazer história não se resumia a um trabalho erudito de recolhimento de fatos; um historiador como Hecateu não prosperou num gabinete ou na escrivaninha da biblioteca mas, antes, junto a uma “arte de narrar e de escutar as narrações”, sendo isso que se pode chamar realmente de “*historia*” (A história da literatura grega, KGW II, 5. 229).

De qualquer modo, essa nova solicitação metodológica pode, num primeiro momento, provocar perplexidade; numa carta a Rohde, Nietzsche noticia as dificuldades dos ouvintes do curso “Enciclopédia da filologia clássica” em se reconhecerem na imagem do filólogo ideal que ali estaria sendo por ele apresentada<sup>49</sup>. E tal perplexidade pode ser ainda mais acentuada quando se coloca em evidência que a capacidade produtiva do filólogo está disposta num domínio pré-lógico, sendo essencialmente “intuitiva”. O jovem Nietzsche

<sup>49</sup> Cf. Carta para Erwin Rohde, dia 7 de junho de 1871, KSB 3.197.

possui uma concepção de pensamento visual, intuitiva e inconsciente<sup>50</sup>, de tal modo que a “conjectura filológica comporta um ato produtivo que não é inteiramente redutível ao pensamento consciente” (Nachlass/FP 1872 – 1873, 19[74], KSA 7. 443). Logo, a filologia seria menos uma especialização dos estudos históricos do que um ofício criador e artístico; as pretensões hermenêuticas da pesquisa filológica, pretensões mais cruciais do que a crítica, encontram a sua sustentação, não no plano dos conceitos organizados em correntes causais, mas no das imagens dadas imediatamente, na fantasia<sup>51</sup>. “A força poética e o impulso criador”, assegura Nietzsche, “fizeram o melhor na filologia” (Nachlass/FP 1867 – 1868, 57[33], KGW I, 4. 399), revelação pouco surpreendente se se considera que é somente através da poesia e da criação que é possível “a interpretação do caráter histórico” (Nachlass/FP 1867 – 1868, 57[47], KGW I, 4. 413). Nesse sentido, Nietzsche pode estar buscando uma forma, ainda que inaudita, de conferir suporte filosófico para o subjetivismo presente no método crítico de Ritschl e da escola de Bonn, um método que concede primazia ao caráter atuante do filólogo, estimulando que ele usufrua de suas intuições<sup>52</sup>. Nietzsche faz do subjetivismo e do intuitivismo um direito metodologicamente inalienável.

Estabelece-se, assim, um novo patamar para a produção de conhecimento, valioso, sobretudo, para contornar dificuldades que habitualmente se impõem no contexto de estudos clássicos. Como dirá Nietzsche, trata-se de algo manifestamente difícil compreender um autor ou um fato do passado devido, acima de tudo, à “tremenda distância e à diferença de nacionalidade” (Enciclopédia

<sup>50</sup> Cf. Nachlass/FP 1872 – 1873, 19[66], 19[78], 19[79], 19[107], KSA 7. 440, 445, 446, 454.

<sup>51</sup> Como bem aponta Figl, para o jovem Nietzsche a compreensão se dá primeiro como fantasia. Cf. FIGL, J. Hermeneutischen Voraussetzung der philologischen Kritik. Zur wissenschaftsphilosophischen Grundproblematik des im Denken des Jungen Nietzsche. *Nietzsche Studien*, 13, 1984, p. 125.

<sup>52</sup> Muito embora o método de Ritschl seja fortemente influenciado pelo intuitivismo das ciências da natureza – o que explica a sua repulsa pela filosofia –, ele admite a importância da subjetividade do filólogo e o seu talento intuitivo. Ritschl pensa numa “completa equiparação entre o resultado subjetivo combinativo e inventivo com aquilo que é atestado exteriormente” (RITSCHL, F., *Op. cit.*, p. 26). A esse respeito, cf. também: BICKEL, E. *Friedrich Ritschl und der Humanismus in Bonn: ein Beitrag zur Neugestaltung der höheren Schule in der Nord-Rheinprovinz*. Bonn: Hans Scheur, 1946, pp. 23 e 24. James Whitman já havia indicado que Nietzsche faz parte da tradição magisterial da filologia, a tradição que inclui Ritschl, mas também Hoffman e Bernhardt, que, ao contrário dos segmentos mais fiéis ao realismo positivista, prega uma posição compatibilista entre subjetivismo e objetivismo. Cf. WHITMAN, J. Nietzsche in the Magisterial Tradition of German Classical Philology. *The Journal of the History of Ideas*, XLVII, 3, 1986, pp. 453-468.

da filologia clássica, KGW, II 3. 373). Uma boa preparação lógica, domínio de outras línguas, estudos de história da gramática e linguística comparada podem minimizar essas dificuldades. Contudo, há de se notar a intransponibilidade das deficiências em torno de investigações puramente objetivas, pois “um fato histórico é algo infinito”, existindo, assim, “somente graus de compreensão histórica” (Enciclopédia da filologia clássica, KGW, II 3. 344). Para compensar esse hiato, faz-se indispensável a influência heurística do filólogo. Diante dos obstáculos impostos pela transmissão de textos, o filólogo deve usufruir de suas intuições e elaborar “hipóteses”. As hipóteses – e o “domínio das hipóteses” não pertence aqui ao campo da reflexão ou dedução lógica, mas ao das “imagens encontradas intuitivamente” – são o recurso do filólogo que vive cercado pela falta de “abundância (*Reichhaltigkeit*) e confiança no material” disponível (Nachlass/FP 1868 – 1869, 74[16], KGW I, 5. 96 e 97). A rigor, essa capacidade de criar possibilidades – uma capacidade que para Nietzsche é “genial” – é um traço mais significativo do que um grande acúmulo de material. Muitas vezes o acesso a condições materialmente ideais pode ser, para a filologia, algo deveras “inútil” (Nachlass/FP 1872 – 1873, 19[92], KSA 7. 449 e 450). Para se ter uma ideia da proeminência desse recurso, Nietzsche anuncia de forma precoce e quase instintiva, antes de ingressar em Bonn, e antes mesmo das reflexões mais aprofundadas sobre o método, que pretendia realizar um grande estudo sobre Teógnis recorrendo, para tanto, a uma “certa quantidade de conjecturas e fantasias” (Carta para Gustav Krug e Wilhelm Pinder, dia 12 de junho de 1864, KSB 1. 282).

Mas esse novo programa metodológico, uma vez implementado, provoca também consequências cientificamente embaraçosas. Em se reduzindo a atividade filológica a uma atividade primordialmente criadora, e em se reconhecendo que a lógica é precedida pela arte e a verdade pela ficção, então a cientificidade demandada pela filologia é enfraquecida. Mais danoso ainda é o paradoxo temporal que fatalmente se coloca. O historiador aspira a examinar de forma objetiva um acontecimento do passado, entorpecendo-se da seguinte verdade: “é somente desde a mais elevada força do presente que você pode interpretar (*deuten*) o passado” (HL/Co. Ext. II, KSA 1. 293 e 294). É por essa razão que o “estimulante mais importante para se acessar a antiguidade é ser ‘homem moderno’” (Enciclopédia da filologia clássica, KGW II, 3. 368). Mas, uma vez que se impõe o aceite a essa defasagem temporal, estabelece-se um quadro forçosamente antinômico. Essa antinomia será chamada por Nietzsche de “antinomia da filologia”. Pois, se é verdade que “se compreende a ‘antiguidade’ de fato sempre ‘desde o presente’”, se é

certo que só é possível explicar o passado a partir da “vivência” (*Erlebniss*) do filólogo, o seu “pressuposto incondicional”, então a situação paradoxal com a qual o filólogo deve lidar é que quando ele pensa estar falando objetivamente do passado, na verdade são os seus interesses, pertencentes ao presente, que falam (Nachlass/FP 1875, 3[62], KSA 8. 31).

## CONCLUSÃO

Entre o final de 1860 e início de 1870, intensifica-se o desejo de Nietzsche de se desvincular da filologia em concorrência à aspiração de encaminhar a sua vida (profissional e pessoal) para a filosofia. Muitas cartas redigidas no período retratam ambas pretensões. Em uma delas, enviada para Deussen, Nietzsche dirá que são justamente as obras dos filólogos as menos merecedoras de admiração e “reconhecimento do genial” (Carta para Paul Deussen, setembro/outubro de 1868, KSB 2. 320); e numa outra carta, para o mesmo destinatário, que para ele a “filologia é um aborto (*Missgeburt*) da deusa filosofia, gerada com um idiota ou um cretino”, contrariando a opinião do amigo, que vê a filologia como filha da filosofia, o que lhe garantiria sua exceção de “todo controle e de toda jurisdição” (Carta a Paul Deussen, segunda metade de outubro de 1868, KSB 2. 329). O desejo de afastamento da filologia contrastava, portanto, com o desejo de maior proximidade com a filosofia, culminando na decisão de Nietzsche de pleitear uma cadeira de filosofia na Universidade da Basileia. Dentre outras justificativas oferecidas para o conselheiro Wilhelm Buscher para ser aceito, Nietzsche lembra como as suas investigações filológicas sempre mantiveram um contato muito próximo com a filosofia – ele menciona os seus cursos sobre os pré-platônicos e Platão, proferidos na mesma universidade – e do caráter puramente acidental de não ter dirigido os seus estudos universitários para a filosofia, uma vicissitude que nunca o deixou esquecer que a filosofia é a “sua verdadeira tarefa” (Carta para Wilhelm Vischer, provavelmente janeiro de 1871, KSB 3. 175).

Muitos veem nessas declarações reflexos do desabrochar de Nietzsche enquanto filósofo da cultura. Porém, esse projeto de uma definitiva guinada filosófica não é tão somente delineado devido ao caráter culturalmente estéril da filologia. Trata-se, eu gostaria de sugerir, de uma decisão consequente frente às dificuldades previamente identificadas na postulação, pela filologia e seu método histórico-crítico, da pura objetividade. Como vimos, ao contrário da filologia convencional, a filologia filosófica de Nietzsche pensa o filólogo como um sujeito produtor de conhecimento, o que engendra o

antropomorfismo, o subjetivismo e o relativismo no interior dos estudos clássicos. Esse gesto possui um objetivo inicialmente reformador, mas, em última instância, carrega em germe um enorme potencial destrutivo. Pois, se a verdade da antiguidade clássica é relativizada, então o projeto da filologia enquanto uma “ciência da antiguidade” desmorona. Nesse sentido, Wilamowitz e os filólogos universitários podem ter alguma razão quando contestam o valor científico da filologia de Nietzsche. O problema é que eles retratam tudo como uma provocação tola, obscurecendo, dessa forma, uma trama que, na realidade, é muito mais complexa e profunda. A “filologia do futuro” de Nietzsche não dispensa de maneira arbitrária e inadvertida os direcionamentos cientificistas do método histórico-crítico, prosperando, com efeito, num momento posterior à verificação de contradições no ideário positivista que fecunda esse método. Assim, ao reconhecer essa limitação, não só se autoriza o filólogo a usufruir de seu talento heurístico, como também se abre o caminho para a filologia se identificar como um tipo de “antropologia filosófica”. O filólogo com consciência de si, com consciência do caráter impermeável do mundo antigo, aprende a enxergar na construção do ideal clássico as projeções dos desejos do seu presente, o que faz com que a filologia se torne um veículo para o autoconhecimento do homem moderno e, no limite, para uma crítica da modernidade. O filólogo se reconhece como a encarnação da inclinação regressiva e melancólica do homem de seu tempo, sendo, assim, o agente capaz de empreender uma reforma da cultura – enquanto um conhecedor do homem moderno, o filólogo é aquele mais apto a corrigi-lo. Logo, antes de ser um mero sinal de ecletismo, a filologia filosófica seria uma terapêutica do homem moderno. Porém, em sendo assim, já não se trata mais de filologia, mas tão somente filosofia.

Recebido em outubro 2014

Aceito em dezembro 2014

## Escritos de Nietzsche

- NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1999. (KSA)
- \_\_\_\_\_. *Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1969 - . (KGW)
- \_\_\_\_\_. *Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1986. (KSB)
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1975 - , (KGB)

## Bibliografia secundária

- BEISER, F. *The German Historicist Tradition*. New York: Oxford Univ. Press, 2011.
- BENNE, C. *Nietzsche und die historisch-kritische Philologie*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2005.
- BICKEL, E. *Friedrich Ritschl und der Humanismus in Bonn: ein Beitrag zur Neugestaltung der höheren Schule in der Nord-Rheinprovinz*. Bonn: Hans Scheur, 1946.
- BOECKH, A. *Encyclopädie und Methodologie der philologischen Wissenschaften*. Leipzig: Teubner, 1877.
- BOLTER, J. Friedrich August Wolf and the Scientific Study of Antiquity. *Greek, Roman and Bizantine Studies*, 21, 2011.
- BROESE, K. Nietzsches erste Begegnung mit Schopenhauer im Lichte eines bisher unveröffentlichten Manuskriptes aus seiner Bonner Studienzeit. *Schopenhauer Jahrbuch*, 85, 2004.
- CANCIK, H. *Nietzsches Antike. Vorlesung*. Stuttgart/Weimar: Metzler, 1995.
- CANCIK, H.; CANCIK-LINDEMAIER, H. *Philolog und Kultfigur. Friedrich Nietzsche und seine Antike in Deutschland*. Stuttgart/Weimar: Metzler, 1999.
- CASSIRER, E. *El problema del conocimiento en la filosofía y en la ciencia modernas IV*. Trad. Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura, 1986.
- DIELS, H. Festrede. In: *Sitzungsberichte der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*, III / IV, 1902.
- FISHER, K. *Schiller als Philosoph*. Heidelberg: Carl Winter, 1891.
- FIGL, J. Hermeneutischen Voraussetzung der philologischen Kritik. Zur wissenschaftsphilosophischen Grundproblematik des im Denken des Jüngen Nietzsche. *Nietzsche Studien*, 13, 1984.

- FÖRSTER-NIETZSCHE, E. *The Young Nietzsche*. Trad. Anthony Ludovici. London: Heinemann, 1912.
- GAZOLLA, R. *Para não ler ingenuamente uma tragédia grega*. São Paulo: Loyola, 2011.
- GIRARDOT, R.G. *Nietzsche y la filología clásica ; La poesia de Nietzsche*. Bogotá: Panamericana, 2002.
- GRAY, R. T. Kritische Parabase: Schlegel, Nietzsche und die kulturkritische Philologie, oder Wie man mit dem Hammer philologiert. In: KREMER, D., ALT, P.A. (eds.) *Friedrich Schlegel und Friedrich Nietzsche*. Transzendentalpoesie oder Dichtkunst mit Begriffen. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2009.
- GUDEMAN, A. *Grundriss der Geschichte der klassischen Philologie*. Leipzig/Berlin: Teubner, 1909.
- HORSTMANN, A. *Antike Theoria und moderne Wissenschaft: August Boeckh Konzeption der Philologie*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1992.
- HOVELACQUE, A. *The Science of Language*. Linguistics, Philology, Etymology. Trad. A.H. Keane. London: Chapman and Hall, 1877.
- KANT, I. *Lectures on Metaphysics*. Trad. Karl Ameriks e Steve Naragon. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2001.
- LANDFESTER, M. Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff und die hermeneutische Tradition des 19. Jahrhunderts. In: FLASHAR, H., GRÜNDER, K., HORSTMANN, A., (eds.) *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert*. Zur Geschichte und Methodologie der Geisteswissenschaften, I. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.
- LANGE, F. *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart*. Iserlohn: J. Baedeker, 1877 [1866].
- MADONNA, L.C. *Il razionalismo de Nietzsche*. Filologia e teoria della conoscenza negli scritti giovanili. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1983.
- MERLIO, G., Schiller-Rezeption bei Nietzsche. In: BOLLENBECK, G., EHRLICH, L., (eds.) *Friedrich Schiller*. Der unterschätzte Theoretiker. Weimar: Böhlau, 2007.
- MONTINARI, M. *Friedrich Nietzsche. Eine Einführung*. Trad. Renate Müller Buck. Berlin/New York, 1991.
- NASSER, E. Sul cristianesimo del giovane Nietzsche. In: BUSELLATO, S. (org.) *Nietzsche dal Brasile*. Trad. Giancarlo Micheli, Ferederico Nacci, Stefano Busellato. Pisa: Edizioni ETS, 2014.

- \_\_\_\_\_. Teoria do conhecimento (surgimento). Disponível em: <<http://arethusa.fflch.usp.br/node/104>>. Acesso em: 16 out. 2014.
- PORTER, J. *Nietzsche and the Philology of the Future*. Stanford/California: Stanford Univ. Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The Invention of Dionysus. An Essay on The Birth of Tragedy*. Stanford / California: Stanford Univ. Press, 2000.
- PÖSCHL, V. Nietzsche und die klassische Philologie. In: FLASHAR, H., GRÜNDER, K., HORSTMANN, A., (eds.) *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert*. Zur Geschichte und Methodologie der Geisteswissenschaften, I. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.
- REIBNITZ, B. *Ein Kommentar zu Friedrich Nietzsche, 'Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik' (Kapitel 1 – 12)*. Stuttgart / Weimar: Metzler, 1992.
- REINHARDT, K. Das klassische Philologie und das Klassische. In: *Vermächtnis der Antike. Gesammelte Essays zur Philosophie und Geschichtsschreibung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989.
- RENAN, E. *L'avenir de la science*. Pensées de 1848. Paris: Calmann Lévy, 1890.
- RIBBECK, O. *Friedrich Wilhelm Ritschl*. Ein Beitrag zur Geschichte der Philologie. II. Leipzig: B.G. Teubner, 1879
- RIEDEL, M. Die Erfindung des Philologen. Friedrich August Wolf und Friedrich Nietzsche. In: ADRIAANSE, H.J., ENSKAT, R., (eds.) *Fremdheit und Vertrautheit*. Hermeneutik im europäischen Kontext. Leuven: Peeters, 2000.
- RITSCHL, F. Zur Methode der philologischen Studiums. In: *Opuscula V*. Leipzig: Teubner, 1879.
- ROHDE, E. Filologia retrógrada (*Afterphilologie*). In: MACHADO, R. (Org.) *Nietzsche e a polêmica sobre 'O nascimento da tragédia'*. Trad. Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- RÖTTGERS, K. *Kritik und Praxis*. Zur Geschichte des Kritikbegriffs von Kant bis Marx. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1975.
- SALAGUARDA, J. Nietzsches Kritik der Transzendentalphilosophie. In: LUTZ-BACHMANN, M. (ed.) *Über Friedrich Nietzsche*. Eine Einführung in seine Philosophie. Frankfurt am Main: Josef Knecht, 1985.
- \_\_\_\_\_. 'Er ist fast immer einer der *Unserigen*'. Nietzsche und Grillparzer. In: BORSCHKE, T., GERRATANA, F., VENTURELLI, A. (eds.) *'Centauren-Gebrurten'*. Wissenschaft, Kunst und Philosophie beim jungen Nietzsche. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1994.

- SANDYS, J.E. *A History of Classical Scholarship*. From the Sixth Century B.C. to the End of the Middle Ages, I. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1903.
- SCHLEGEL, F. Zur Philologie I. In: *Kritische Ausgabe*, 16. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1981.
- SILK, M.S. & STERN, J.P. *Nietzsche on Tragedy*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1999.
- VAIHINGER, H. *Die Philosophie des Als Ob*. System der theoretischen, praktischen und religiösen Fiktionen der Menschheit auf Grund eines idealistischen Positivismus. Leipzig: Felix Meiner, 1922.
- VOGT, E. Der Methodenstreit zwischen Hermann und Böckh und seine Bedeutung für die Geschichte der Philologie. In: FLASHAR, H., GRÜNDER, K., HORSTMANN, A., (Hrsg.) *Philologie und Hermeneutik im 19. Jahrhundert*. Zur Geschichte und Methodologie der Geisteswissenschaften, I. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.
- WACH, J. *Das Verstehen*. Grundzüge einer Geschichte der hermeneutischen Theorie im 19. Jahrhundert I. Tübingen: Mohr, 1984.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. *Erinnerungen*. 1848 – 1914. Leipzig: Koehler, 1928
- \_\_\_\_\_. Filologia do futuro I. in: MACHADO, R. (Org.) *Nietzsche e a polêmica sobre 'O nascimento da tragédia'*. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- WHITMAN, J. Nietzsche in the Magisterial Tradition of German Classical Philology. *The Journal of the History of Ideas*, 47, n. 3, 1986.